

Venturosa: a imagem como instrumento de visibilidade social

Venturosa: image as instrument of social visibility

Pedro Henrique Torquato¹

Arquétipos do imaginário pessoal e coletivo transcendem a visão do homem comum fazendo florescer poesia, assim, nesse artigo fotográfico busco revelar espaços de vivência que evoquem ou dialoguem com a utopia, como em Canudos, onde as barrancas² fizeram-se cuscuz de milho e nos rios corriam leite. Reconhecendo a importância da fotografia como documento histórico captura falas e evidência a essência do homem para além das belezas fugazes, nos propomos caminhar por entre veredas e recontar a história de VentuROSA, título dado a esta sequência fotográfica realizada no município de Venturosa.

Esse ensaio, realizado entre os anos de 2014 e 2018, evidencia a vida de jovens de dois bairros periféricos da cidade: Vila Bacurau e Rua Nova. A exposição levada para a própria comunidade e outros expoentes ressalta a identidade, importância e pertencimento dessas localidades à cidade de Venturosa. O município situa-se na microrregião do Vale do Ipanema no agreste pernambucano, com uma população estimada de aproximadamente dezoito mil habitantes, sendo em sua maioria jovens entre cinco e quatorze anos. Tendo como característica uma média salarial de 1,7 salários mínimos mensal, sendo cinquenta e um por cento da população com renda de meio salário mínimo ou menos (IBGE 2017).

Usando a metáfora imagética para pensarmos a juventude em Venturosa, podemos observar vários aspectos do que Euclides da Cunha traz em Os Sertões. O autor dividiu seu livro em três capítulos: o homem, a terra e a guerra registros sobre a aridez socioclimática e a escassez da água, como no município fotografado, onde os cidadãos permaneceram sete anos sem abastecimento domiciliar por parte da COMPESA³, e as crianças e jovens, transformados em homens e mulheres, tendo de ser antes de tudo

¹ Especialista pelo curso *latu sensu* de programação do Ensino de História. Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologias de Garanhuns FACETG/UPE. Graduação em licenciatura plena do Ensino de História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde AESA-CESA. E-mail: pedro.torquato@hotmail.com

² Margem de um curso de água.

³ A Compesa é uma empresa brasileira que detém a concessão dos serviços públicos de saneamento básico no Estado de Pernambuco.

fortes para sobreviverem em meio aos diversos problemas sociais existentes.

Durante a realização dos registros, constatou-se o sentimento de rejeição a si mesmo e a sua localidade, remetendo ao estigma goffmanniano. Sentimento reforçado comumente pelos noticiários locais que destacam a violência, tráfico de drogas e demais mazelas sociais na localidade. Com relação à Vila Bacurau percebemos ainda a construção de uma visão estereotipada, de acordo com França (2013), “o local é um barril de pólvora a ameaçar a paz de Venturosa. Um ajuntamento de 200 famílias que sequer se conheciam é diferente de comunidades formadas por gente que convivem há gerações.” Pedrinho Guareschi, em seu *livro Sociologia crítica – alternativas de mudanças*, faz menção as diversas formas de controle e manutenção da ordem social vigente. Neste caso, a falta de registros históricos sobre o cotidiano e a demasiada ênfase sensacionalista nos problemas sociais podem ser uma forma de manutenção e reforço das desigualdades.

Observando a falta de visibilidade social e canais de fala para as comunidades periféricas, esta sequência fotográfica pretende que “as imagens ajam como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural, não almejando dentro dos padrões de pesquisa, apenas esclarecer o saber científico, mas humanisticamente tentando compreender o que o outro tem a dizer para os que querem ver, ouvir e sentir.” (ANDRADE, 2002, p.110-111). Já que debruçando-se sobre os escritos com relação ao município pouco se lê a respeito dos moradores destas localidades, para além dos retratos de violência. Diante disso, torna-se de suma importância a sua documentação histórica.

Neste sentido, o ensaio representa o que Le Goff (1995) exprime ao citar que “a fotografia permite conhecer a riqueza da vida, mesmo sendo realista, porque o próprio realismo é também criação. A fotografia representa uma inegável expressão do indivíduo, da face, do retrato e, também, expressão da vida ordinária do camponês. A imagem mostra toda a riqueza do simples ato de ver, por ser um texto visual que exprime a plenitude do humanismo.” Permitindo, portanto, desconstruir o estigma social construído sobre as localidades até então. O que também caracteriza a ideias de Kossoy (2001) ao expressar que “as imagens são importantes pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória do homem e de seu entorno sociocultural. Trata-se da fotografia em quanto instrumento de pesquisa,

prestando-se a descoberta, análise e interpretação da vida histórica”. Isso nos lembra os versos de Manoel de Barros:

“remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis. Tem por lá um menino a brincar no terreiro entre conchas, osso de araras, sabugos, asas de caçarolas, etc. (...) O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo, umas latas tristes. (...) O menino hoje é um homem douto que trata com física quântica. Mas tem nostalgia das latas. Tem saudades de puxar por um barbante sujo umas latas tristes (...). Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem encomendou uma árvore torta para caber nos seus passarinhos. De tarde os passarinhos fazem árvore nele.”

(BARROS: 2001, p.47)

Poderiam ser esses jovens fotografados os personagens descritos pelo poeta ou seriam uma grande ameaça ao restante do município? Quais seus sonhos? O que trazem na lembrança?



Figura 1. Abstração, 2014.



Figura 2. Amanhecer, 2014.



Figura 3. Infância, 2015.



Figura 4. O fio da vida, 2014.



Figura 5. Menino homem, 2015



Figura 6. Nublado, 2017.



Figura 7. Condicionado, 2017.



Figura 8. Vidas, 2018



Figura 9. Horizontes, 2014.



Figura 12. Resta, 2015.



Figura 13. Genuíno, 2015.



Figura 14. Campos secos construções coloridas e vidas em preto e branco, 2014.

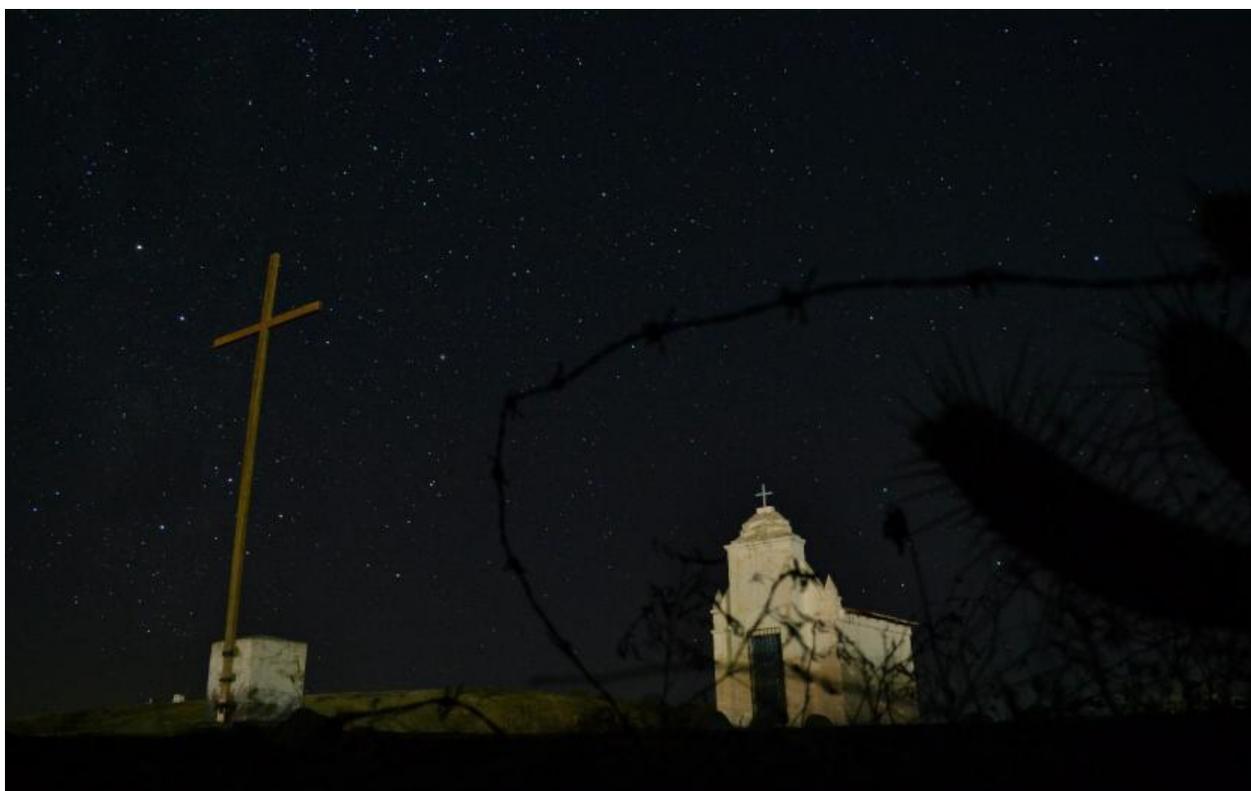


Figura 15. Sertão, 2018



Referências

ANDRADE, Rosana D. Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BARROS, Manoel. O Livro das Ignorâças. Rio de Janeiro 2001, p.47.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985

FRANÇA, Inácio. Minhas histórias do Brasil profundo: Venturosa e o desenvolvimento. Disponível:<http://www.caotico.com.br>. acessado em 12 de junho de 2013.

GUARESCHI, Pedrinho A. Sociologia crítica : Alternativas de mudanças. 39ª Ed. Porto Alegre, 1997

IBGE. Link para acesso: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/venturosa/panorama> KOSSOY, Boris, Fotografia & História. 2ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. Mirages de l'histoire. In: La Recherche Photographique, Nº.18. Paris: Paris Audiovisuel, 1995.